



O Sionismo sindical e a Histadrut

Um documento da Rede Internacional Antissionista de Judeus (IJAN, sigla em inglês)
e Sindicatos pela Palestina (Labor for Palestine)



13 de Abril de 2010,

Fazemos um chamado às entidades sindicais para que boicotem a Histadrut, a fim de pressionar e garantir direitos para os nossos trabalhadores bem como pressionar o governo a por fim a ocupação e reconhecer plenos direitos do povo palestino. “Chamado dos Sindicatos Palestinos para a campanha de BDS- Boicote, Desinvestimentos e Sanções,” 11 de fevereiro de 2007¹.

Devemos fazer um apelo para o isolamento da Histadrut, Central Sindical Israelense racista, que apoia incondicionalmente a ocupação na Palestina e o tratamento desumano dos trabalhadores árabes em Israel. Cosatu, 24-26 de junho de 2009².

- **Panorama** – Em seus chamados por Boicote Desinvestimentos e Sanções contra a Apartheid israelense, todas as entidades sindicais palestinas têm como principal alvo a Histadrut, federação sindical sionista.

Como será discutido adiante, isso se deve ao fato de a Histadrut ter usado sua imagem de instituição “progressista” para disseminar – e dissimular – o racismo, a apartheid, a expolição e limpeza étnica contra os palestinos desde 1920. A Histadrut tem sido o pilar fundamental na história do sindicalismo sionista, que tem início nos idos de 1900.

- **Projeto colonialista** – Desde a sua criação nos fins de 1800, o sionismo foi construído abertamente como um projeto de colonização. “Este projeto prometia futuros patrocinadores

¹ “Statement in Occasion of the Workers’ Boycott Call,” February 11, 2007, <http://www.labournet.net/world/0702/sanctions1.html>.

² “COSATU: Working-class internationalism in the era of deepening global economic crisis,” June 24-26, 2009, <http://links.org.au/node/1149>.



ou apoiadores, que removeriam em massa os judeus da Europa³; nas palavras de Theodor Herzl, constituiria um avanço na civilização contra a barbárie⁴, em uma região considerada peça chave; e para minar o apoio da classe trabalhadora judia ao socialismo radical na Europa e nos Estados Unidos. Como Herzl relata, “Eu expliquei que estamos tirando os judeus dos partidos revolucionários.”⁵

- **Apoio incipiente entre a classe trabalhadora** – Em um período em que a maioria dos judeus ainda compunha a classe trabalhadora, o sindicalismo sionista teve seu papel fundamental para conduzir os objetivos do projeto colonialista. No curto prazo, no entanto, nenhuma dessas promessas foi alcançada, uma vez que o sindicalismo sionista não foi capaz de conquistar espaço dentro da classe trabalhadora em nenhum país da Diáspora⁶.

O movimento socialista na Rússia, país onde muitos judeus viviam, se opôs implacavelmente ao sionismo, que apelava aos próprios oficiais czaristas que promoviam os pogrom antissemitas.

De modo similar, nos Estados Unidos, “a pobreza empurrou os trabalhadores judeus para sindicatos organizados pela minoria revolucionária”, e “a princípio, o movimento de trabalhadores judeus abominava o sionismo”,⁷ que por sua vez se abstinha da luta pelos direitos dos imigrantes.

- **Anti-bolchevismo** – Foi, em parte, para reverter essa hostilidade da classe trabalhadora judia ao sionismo, que no dia 2 de novembro de 1917 o governo britânico tratou da Declaração de Balfour, que prometia o “Lar Nacional Judeu” na Palestina.

O governo britânico ansiava particularmente pelo enfraquecimento do apoio judeu aos bolcheviques, que desejavam tirar a Rússia, aliada britânica, da guerra. Quando a revolução

³ Lenni Brenner, *Zionism in the Age of the Dictators* (London: Lawrence Hill & Co., 1983), <http://marxists.kgprog.com/history/etol/document/mideast/agedict/ch01.htm>.

⁴ Theodor Herzl, *The Jewish State* (Filiquarian Publishing, 2006), p. 24

⁵ Raphael Patai (ed.), *Complete Diaries of Theodor Herzl*, Vol. III, p.729, cited in Brenner, *Zionism in the Age of the Dictators*, <http://marxists.kgprog.com/history/etol/document/mideast/agedict/ch01.htm>.

⁶ Brenner, *Zionism in the Age of the Dictators*, <http://marxists.kgprog.com/history/etol/document/mideast/agedict/ch02.htm>

⁷ Lenni Brenner, —The Forward Is Backward: New York’s Unclassifiable Jewish Weekly, Washington Report on Middle East Affairs, June/July 1997, pgs. 79-80, <http://www.wrmea.com/backissues/0697/9706079.htm>; See also, Naomi W. Cohen, *The Americanization of Zionism, 1897-1948* (Hanover and London: Brandeis, 2003)(—Jewish labor, the powerful Jewish unions . . . were committed to the universalist ideal of socialism and scorned the [Zionist] movement, p. 5); Donald Neff, —Fallen Pillars: U.S. Policy towards Palestine and Israel since 1945, <http://www.washingtonpost.com/wpsrv/style/longterm/books/chap1/fallenpillars.htm> (—Opposition to Zionism in America extended to Jewish socialists and workers, who disdained it as a form of bourgeois nationalism.); —Jews and the Left, *Journal of Palestine Studies*, Spring 1975), p. 157 (—Zionism had little support either in the cafes of the Lower East Side where Yiddish intellectual culture reigned or from Jewish workers in the sweatshops where almost totally Jewish unions were being organized.)



ocorreu, cinco dias depois, os britânicos designaram sionistas para enfraquecer judeus radicais ligados ao bolchevismo.

Enquanto num discurso pós-guerra o Secretário Winston Churchill declarou, em fevereiro de 1920, que “os planos de Trostsky de um Estado Global Comunista sob a dominação judia” não vingaria e seria frustrado por este novo ideal [sionismo]... A luta que se iniciava entre sionistas e judeus bolcheviques era nada menos que a luta pela alma do povo judeu”⁸.

- **Pré-Estado Colonial** – Foi nesse contexto que a Histadrut foi fundada, em 1920.

Se vendendo como uma central sindical, mas na prática atuando como um Pró-Estado Judaico, para uma pequena burguesia judia,⁹ “controlando os principais esforços do sionismo, a produção econômica, a propaganda, o mercado de trabalho e a defesa (a Haganah)”¹⁰. Em 1930, a Histadrut fundou o Mapai, que posteriormente se tornaria o Partido Trabalhista Israelense.

Como consequência, “apoiar a Histadrut significava mais do que assistir a um parceiro do movimento sindical em outro país. Isso significava explicitamente em um apoio aos esforços de colonização dos trabalhadores judeus na Palestina.”¹¹ De fato, “a essência do discurso e da prática sionista, especialmente no que diz respeito ao movimento sindical sionista, era a de negar a existência de um povo palestino com a reivindicação legítima ao país”.¹²

- **Barreira Colonialista Racista** - Nas três décadas seguintes, esta premissa, persistentemente, subordinaria e destruiria os primeiros esforços de grupos de trabalhadores palestinos e judeus de se unirem em centrais sindicais com base verdadeiramente igualitária.¹³

O papel da Histadrut se tornaria logo evidente. Em 1921, o líder sindicalista sionista Yitzhak Ben-Tzvi declarou que os árabes palestinos não eram oprimidos pelos britânicos, e que na verdade eram beneficiados com a imigração judia e os assentamentos. O Nacionalismo Árabe, alegava ele, carecia de raízes populares, e era forjado na ignorância de palestinos por árabes reacionários, donos de terras e “forasteiros agitadores” – incluindo os judeus comunistas.¹⁴

Outra liderança da Histadrut foi David Ben-Gurion que, durante a Nakba (Catástrofe Palestina) 1947/48, implementaria a limpeza étnica sistemática da maior parte da população originária palestina, e que posteriormente viria a ser o primeiro ministro de Israel.

⁸ Martin Gilbert, *Churchill and the Jews: A Lifelong Friendship* (New York: Henry Holt and Co, 1997), p. 42

⁹ Jason Schulman, —The Life and Death of Socialist Zionism, *New Politics*, vol. 9, no. 3 (new series), whole no. 35, Summer 2003, <http://www.wpunj.edu/newpol/issue35/schulman35.htm>.

¹⁰ Lance Selfa (ed.), *The Struggle for Palestine* (Chicago: Haymarket Books, 2002), p. 10.

¹¹ Howard.

¹² Zachary Lockman, *Comrades and Enemies: Arab and Jewish Workers in Palestine, 1906-1948* (Berkeley: University of California Press, 1996), p. 64.

¹³ Most notably, these efforts were amongst railway workers in Haifa in the 1920s and 1930s, and petroleum, postal, telephone and telegraph workers in 1946. Lockman.

¹⁴ Lockman.



Ben-Gurion orientou a Histadrut a organizar os trabalhadores árabes em sindicatos separados dos judeus, pois assim “o trabalhador judeu consciente e culto, cuja missão histórica é a construção de uma comunidade livre para os trabalhadores em Eretz Yisra’el” seria capaz de “educar o trabalhador árabe a viver ordeiramente e em cooperação uma vida de trabalho, disciplina e responsabilidade mútuas.”¹⁵

Em 1927, Haim Arlosoroff, outro líder do sindicalismo sionista, argumentou que o Sionismo deveria ter como exemplo o racismo na África do Sul, ou a chamada “barreira de cor”, que excluía os trabalhadores negros dos empregos mais qualificados e protegidos nos sindicatos.¹⁶

Em 1932, para controlar a sindicalização dos trabalhadores árabes, a Histadrut criou a Liga Sindical Palestina (PLL, sigla em inglês).¹⁷

- **Conquista da terra e do Trabalho** – O principal objetivo do sindicalismo sionista era uma dupla conquista de terra e trabalho, com campanhas de expulsão dos árabes camponeses de suas terras e a boicotarem mão de obra e produto árabes.¹⁸

Quase que imediatamente, estas campanhas da Histadrut provocaram a resistência da classe trabalhadora árabe. Em 1925, trabalhadores ferroviários de Haifa fundaram a Sociedade de Trabalhadores Árabes Palestinos (PAWS, sigla em inglês). Em 1934, estivadores de Jaffa fundaram a Sociedade de Trabalhadores Árabes (AWS, sigla em inglês)¹⁹

Em 1936, os britânicos facilitaram os assentamentos sionistas e o confisco de terras, provocando uma greve geral de seis meses, uma das mais longas já registradas. A Histadrut aproveitou a oportunidade para ofertar os cargos dos ferroviários e estivadores grevistas a trabalhadores judeus.²⁰

Em contrapartida, isso gerou uma revolta armada de caráter anticolonial, a qual os britânicos responderam com a maior e mais violenta campanha militar, no período entre guerras. Foram ataques aéreos, bombardeamento e artilharia pesada contra vilas árabes. E não se dando por satisfeitos, o exército britânico armou a Haganah sionista e outras milícias judias para aterrorizar a população árabe. A revolta teve fim em 1939, depois de matar 20 mil palestinos e prender ou deportar outros milhares.²¹

- **Planos de Limpeza Étnica** – Esta resistência palestina mais firme fez com que os dirigentes da Histadrut lançassem uma campanha mais ambiciosa com o objetivo de fazer da Palestina “a

¹⁵ Lockman.

¹⁶ Lockman.

¹⁷ Lockman.

¹⁸ Lockman.

¹⁹ Lockman; Separate and Unequal: The History of Arab Labour in pre-1948 Palestine and Israel, Sawt el-Amel: The Laborer’s Voice, December 2006, <http://laborers-voice.org/files/ArabLabour.pdf>.

²⁰ Lockman.

²¹ Reeva Simon, *The Middle East and North Africa* (New York: Columbia University Press, 1990), p. 129; John Rose, *Israel: The Hijack State, America’s Watchdog in the Middle East* (London: Bookmarks, 1986), <http://www.marxists.org/history/etol/document/mideast/hijack/index.htm>



terra sem povo". Como Yosef Weitz, diretor do Departamento de Terras do Fundo Nacional Judaico explicou em 1940:

Cá entre nós, é preciso deixar bem claro que não há lugar no país para os dois povos conviverem juntos. . . . não há outro caminho que não a transferência dos árabes daqui para os países vizinhos. Transferir todos eles, nenhuma aldeia ou tribo deve permanecer em Israel.²²

O historiador israelense Benny Morris avaliou, tempos depois, que Ben-Gurion “entendia que não poderia haver nenhum Estado judeu com uma hostil e grande minoria árabe neste estado.”²³

- **Colaboração com os nazistas** - Para alcançar um equilíbrio demográfico, o sindicalismo sionista precisava aumentar o número de colonos judeus. Para esse fim, eles negociaram a “Ha'avara” de 25 de agosto de 1933,²⁴ um acordo de transferência ao qual os nazistas permitiam que judeus ricos emigrassem da Alemanha para a Palestina. Em troca, os sionistas trabalhistas sabotavam ativamente o boicote internacional e a resistência antinazista.²⁵

Buscando mais apoio nazista para a colonização da Palestina, os sionistas sindicalistas, em outubro de 1937, receberam o representante da SS, Adolf Eichmann, que mais tarde foi acusado de mandar judeus aos campos de concentração e de extermínio, em um kibutz na Palestina; ofereceu espionagem para os nazistas; e, mesmo depois da Kristallnacht (Noite dos Cristais) em 1938, foi inflexível ao impedir que os refugiados judeus alemães encontrassem refúgio em outros países que não fosse a Palestina.²⁶

Em 1944, o sionista Rezso Kasztner fez acordo com Eichmann para salvar importantes sionistas, numa troca em que os sionistas esconderam a iminente deportação de 750000 judeus húngaros para Auschwitz.²⁷

Embora ainda há muitos que desconheçam hoje, a colaboração nazismo-sionismo nunca foi segredo. Ben-Gurion discursou abertamente sobre isso, em 1938:

Se eu soubesse que seria possível salvar todas as crianças na Alemanha, trazendo-os para a Inglaterra, e apenas metade delas mandando para Eretz Yisrael [Palestina], então eu ainda

²² Uri Davis, *Apartheid Israel: Possibilities for the Struggle Within* (London: Zed Books, 2004), p. 20.

²³ Ari Shavit, —Survival of the fittest, Haaretz, January 8, 2004, <http://www.haaretz.com/hasen/pages/ShArt.jhtml?itemNo=380986>

²⁴ Jack Fischel, *The A to Z of the Holocaust* (Lanham, MD: The Scarecrow Press, 2005), p. xvii

²⁵ Lenni Brenner, *Zionism in the Age of the Dictators*, <http://marxists.kgprog.com/history/etol/document/mideast/agedict/c h06.htm>

²⁶ Brenner, <http://www.marxists.de/middleeast/brenner/ch08.htm>. The Nazis struck a medal commemorating Nazi-Zionist collaboration in the 1930s. Lenni Brenner, —A Nazi Travels to Palestine and Tells About it in the Assault, May 3, 2007, <http://cosmos.ucc.ie/cs1064/jabowen/IPSC/articles/article0062443.html>

²⁷ Lenni Brenner, —Book Review: ‘Becoming Eichmann’ by David Cesarani, *Journal of Palestine Studies*, Spring 2007, http://www.aldeilis.net/english/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=2247.



optaria pela segunda alternativa. Para nós deve pesar não só a vida dessas crianças, mas também a história do povo de Israel.²⁸

- **Examinando a Nakba** - Por volta de 1940, Histadrut dominava o movimento sionista internacional, e foi diretamente responsável por conquistar o apoio dos EUA e da União Soviética para a partilha da Palestina e o reconhecimento do Estado judeu²⁹.

Durante a Nakba - 1947-1948, elaborou o Plano Dalet, um conjunto de dossiês que detalhadamente organizam o terror e a aniquilação de, pelo menos, oitenta por cento da população originária palestina³⁰.

Conduzida por Ben-Gurion³¹, esta limpeza foi em grande parte camuflada pela reputação progressista da Histadrut e pelo apoio soviético. Como Jonathan Cook explica:

Na expulsão física da população palestina, Ben-Gurion respondeu às oportunidades políticas do dia e recalibrou o sionismo trabalhista de Herzl. Em particular, ele alcançou a meta de expulsão tão desejada por Herzl e, ao mesmo tempo, conseguiu convencer o mundo, por meio de campanha de propaganda, que o êxodo dos refugiados foi em grande parte voluntário³².

- **O Estado do Histadrut.** As forças sindicais sionistas que realizaram os eventos acima consistentemente assumiram o comando do novo Estado de Israel, com Ben-Gurion como seu primeiro-ministro. As milícias sindicais sionistas, o Haganah e Palmach, tornaram-se as novas Forças de Defesa Israelenses (IDF – as atuais forças armadas israelenses)³³.

A própria Histadrut foi incorporada ao Estado, condição na qual tem desempenhado um papel fundamental na continuidade e legitimação da limpeza étnica e apartheid contra os palestinos. Embora apresentando-se ao movimento sindical mundial como um sindicato, na verdade, ela dominava os governos do Partido Trabalhista que governou Israel entre 1948-1977, período em que ela também se tornou o segundo maior empregados em Israel³⁴. Na verdade, o maior crescimento dos assentamentos israelenses ocorreu sob os governos do Partido Trabalhista.

²⁸ Yoav Gelber, —Zionist Policy and the Fate of European Jewry (1939-1942), Yad Vashem Studies 13 (1979), p. 199.

²⁹ Gerd Korman, *New Jewish Politics for an American Labor Leader: Sidney Hillman, 1942-1946* (Cornell University ILR School Year 1994), <http://digitalcommons.ilr.cornell.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1140&context=articles>.

³⁰ Jonathan Cook, “Zionism’s dead end”, *Eletronic Intifada*, 27 de junho de 2008, <http://electronicintifada.net/v2/article9653.shtml>.

³¹ Em julho por exemplo os subordinados de Ben Gurion lhe perguntaram “o que será feito da população (de Lod e Ramle)?” Bem Gurion acenou com sua mão em um gesto que significava “Expulse-os” Yitzhak Rabin, *The Rabin Memoirs* (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1996), p. 383.

³² Cook.

³³ “Labor Zionism and Socialist Zionism”, http://www.mideastweb.org/labor_zionism.htm.

³⁴ Uri Davis, *Apartheid Israel: Possibilities for the Struggle Within* (Pretoria: Zed Books, 2003), p. 109



- **Agente da CIA** - No início de 1960, a Histadrut foi um canal para operações da CIA e do Mossad na África³⁵. Mais tarde colaborou com o Programa AIFLD (American Institute for Free Labor Development) da AFL-CIO e da CIA para minar cooperativas agrícolas em El Salvador³⁶.

- **Parceria com a África do Sul durante o Apartheid** - O Histadrut teve perto de um monopólio sobre o comércio israelense com o regime do Apartheid sul-africano³⁷ e avidamente colaborou as políticas de bantustões³⁸. Iskoor, uma joint-venture entre o Histadrut e a África do Sul produziu tanques blindados³⁹. Empresas que eram total ou parcialmente propriedade da

Histadrut ajudaram a construir uma muralha eletrônica para obstruir guerrilhas anti-apartheid⁴⁰.

- **Guerra no Líbano e em Gaza** - Independentemente de que qual partido governava, a Histadrut apoiou todas as guerras e a ocupação israelenses.

Em 2006, por exemplo, o secretário-geral da Histadrut Amir Peretz tornou-se ministro da Defesa no governo do Partido Trabalhista e realizou a brutal guerra no Líbano em 2006⁴¹. Como integrante do governo Sharon, ele ajudou a expandir os assentamentos na Cisjordânia e construir o Muro do Apartheid - sobre o qual a Histadrut tem permanecido silenciosa⁴².

Ehud Barak, outro ministro da defesa trabalhista, conduziu a infame guerra em 2008/2009 contra Gaza, que matou pelo menos 1.400 pessoas, 400 das quais crianças; ele manteve o cargo no governo explicitamente racista de Netanyahu.

A própria Histadrut endossou a guerra em Gaza, afirmando que “reconhece a necessidade urgente do Estado de Israel atuar contra os centros de comando e controle da rede terrorista⁴³”.

- **Maus-tratos de trabalhadores palestinos** - Para os palestinos, por sua vez, a Histadrut nunca foi um verdadeiro sindicato. Pelo contrário, como Jonathan Cook observa:

³⁵ Yossi Melman, “Israeli arms dealers join Lieberman’s entourage to Africa”, Haaretz, 6 de agosto de 2009, <http://www.haaretz.com/hasen/spages/1105679.html>.

³⁶ “Israel and El Salvador”, http://www.thirdworldtraveler.com/Middle_East/Israel_ElSalvador.html.

³⁷ Benjamin Beit-Hallahmi, *The Israeli Connection: Whom Israel Arms and Why* (New York: Pantheon Books, 1987), p. 138.

³⁸ Jane Haapiseva-Hunter, *Israeli Foreign Policy: South Africa and Central America* (Boston: South End Press, 1987), p. 77.

³⁹ Haapiseva-Hunter, pp. 61-62.

⁴⁰ Uri Davies, *Israel: Utopia Incorporated* (London: Zed Press, 1973), p. 97, cited in Tony Greenstein, “Histadrut: Israel’s racist trade union”, *Electronic Intifada*, 10 de março de 2009, <http://electronicintifada.net/v2/article10379.shtml>.

⁴¹ Yagil Levy, *Israel’s Materialist Militarism* (Lanham, MD: Lexington Books, 2007), p. 214.

⁴² “Labor for Palestine, US Unions and Boycotting Israel, A reply to US labor leaders, from Canada”, ZNet, August 28, 2007, <http://www.zmag.org/content/showarticle.cfm?SectionID=107&ItemID=13648>.

⁴³ “Histadrut Statement on the Situation in Southern Israel and Gaza”, January 13, 2008 [2009], http://www.labourstart.org/israel/Histadrut_on_Gaza.pdf



Impondo essa estrutura segregada de trabalho estão instituições públicas oficiais, monopólios estatais e o próprio governo. A mais importante é a Histadrut, a federação sindical e, curiosamente, também um dos maiores empregadores do país. Na tradição de “trabalho hebreu” ela tem trabalhado incansavelmente para excluir a minoria palestina de ter uma voz em questões dos trabalhadores por décadas⁴⁴.

- Trabalhadores nos territórios ocupados em 1948 - Após a Nakba, os trabalhadores palestinos que conseguiram permanecer nos territórios ocupados em 1948 estavam sujeitos ao regime militar até 1966⁴⁵, excluídos dos supostamente “socialistas” kibutztes, proibidos de se filiar a Histadrut até 1959⁴⁶, e sujeitos a uma escala de salários mais baixa engendrada pela Histadrut⁴⁷.

Em 1976, a Histadrut colaborou com empregadores a tomar represálias contra trabalhadores palestinos em Israel que participaram do Dia da Terra, quando o governo trabalhista sionista baleou e assassinou seis grevistas palestinos⁴⁸.

Um relatório de 1989 apontou que as empresas de propriedade da Histadrut tiveram o pior recorde de sistematicamente excluir trabalhadores palestinos⁴⁹. Hoje, Yonatan Preminger relata que “trabalhadores migrantes estão legalmente sujeitos aos acordos coletivos negociados pela Histadrut mas a aplicação da lei é mínima e os representantes do Estado quase invariavelmente tomam partido dos patrões em qualquer disputa⁵⁰.

A Histadrut aprovou o Plano Wisconsin em Nazaré lançado em agosto de 2005 que transferiu a assistência médica de 17 mil trabalhadores e desempregados para empresas privadas com fins lucrativos israelenses e estrangeiras⁵¹.

Economistas recentemente relataram que, desde 1970, Israel se apropriou de US\$ 2 bilhões em benefícios sociais de trabalhadores palestinos. A maioria dessas deduções foram utilizados para financiar colônias israelenses nos OPT (territórios palestinos ocupados a partir de 1967), enquanto outras foram pagas à Histadrut – da qual os trabalhadores estavam excluídos.

⁴⁴ Jonathan Cook, “Israeli Palestinians: The Unwanted Who Stayed”, The Link, Volume 41, Issue 4, October-November 2008, <http://www.jkcook.net/Articles2/0331.htm#Top>.

⁴⁵ Levy, p. 33.

⁴⁶ Nava EtShalom and Matthew N. Lyons, “Bring on the bulldozers and let’s plant trees”, The Problems of Labour Zionism, <http://comminfo.rutgers.edu/~lyonsm/bulldozers.html>.

⁴⁷ Wehbe Badarne, “Sawt el-Amel’s Assessment of the Histadrut”, June 2008, <http://www.palestinakomitee.nl/public/Artikel/65/download1/Sawt-el-Amel-Assessmentof-Histadrut-Jun-2008.pdf>.

⁴⁸ Badarne.

⁴⁹ Ahmad H. Sa’di, “Incorporation without integration: Palestinian citizens in Israel’s labour market”, History of the Human Sciences, August 1995.

⁵⁰ Yonatan Preminger, —The Strategy Behind Israel’s Migrant Labor Policies, Counterpunch, August 20, 2009, <http://counterpunch.org/preminger08202009.html>.

⁵¹ Badarne



Apesar das promessas de restituição, a Histadrut reteve mais de 80% (US\$ 30 milhões) destes fundos⁵².

Além disso, em 1990, a Histadrut negociou com a indústria da construção civil uma cláusula que prevê uma taxa adicional de 2% a ser paga pelos trabalhadores palestinos para treinar imigrantes judeus, a maioria deles da ex-União Soviética, forçando-os assim a “subsidiar a formação dos trabalhadores que os substituiriam”. Ainda pior, alguns desses fundos foram desviados para comprar fogões portáteis para as tropas israelenses que atacaram Gaza em 2008 / 2.009⁵³.

- Os Territórios Palestinos Ocupados em 1967 - Pior ainda é o tratamento da Histadrut com os trabalhadores palestinos nos OPT. Em seguida à guerra de 1967 feita pelo governo trabalhista, ela desempenhou um papel central na consolidação da anexação da Cisjordânia e Gaza. Como Dani Ben Simhon observa:

Em vez de agir como um sindicato na defesa dos trabalhadores, a Histadrut aceitou os critérios do exército impondo a distribuição de permissões de trabalho. A disponibilidade de trabalhadores palestinos assegurava lucros para seus próprios interesses industriais e agrícolas, além de embolsar as contribuições dos palestinos aos fundos de pensão e planos de saúde administrados pela Histadrut além das próprias contribuições sindicais⁵⁴.

Em 1968, a Histadrut reafirmou o seu papel de instigar o sionismo trabalhista para toda a população⁵⁵. Na década de 1970, ela colaborou com a repressão, interrogatório e tortura generalizados de ativistas sindicais palestinos e “usou o seu prestígio no exterior para impedir que os sindicatos palestinos obtivessem reconhecimento internacional⁵⁶. Em junho de 2001 o presidente da Histadrut Amir Peretz condenou a reunião especial da OIT sobre “A situação dos trabalhadores nos territórios árabes ocupados”⁵⁷.

Hoje, há cerca de 50.000 trabalhadores palestinos com baixos salários executando trabalho perigoso nas “zonas industriais” ligadas às colônias israelenses na Cisjordânia. Eles tem que pagar contribuição sindical para a Histadrut apesar de não poder se filiar e a entidade não representá-los⁵⁸.

⁵² Jonathan Cook, “Israeli report claims \$2bn stolen from Palestinians”, The National, February 03, 2010, [http://www.thenational.ae/apps/pbcs.dll/article?AID=/20100204/FO REIGN/702039826/1002](http://www.thenational.ae/apps/pbcs.dll/article?AID=/20100204/FO%20REIGN/702039826/1002).

⁵³ Cook.

⁵⁴ Dani Ben Simhon, “The Unmaking of the Histadrut”, Challenge # 88, November-December 2004, <http://www.workersadvicecenter.org/Challenge88-Histadrut.htm>.

⁵⁵ Badarne.

⁵⁶ Ben Simhon.

⁵⁷ “89th International Labor Conference, Special Sitting, ‘The Situation of Workers in the Occupied Arab Territories,’” Jewish Frontier, Summer/Fall 2001, pp. 14-19, http://www.ameinu.net/publicationfiles/1_Summer-Fall2001.pdf.

⁵⁸ “Occupation, Colonialism, Apartheid? A re-assessment of Israel’s practices in the occupied Palestinian territories under international law”, Democracy and Governance Programme, Middle East Project, May 2009, <http://www.hsrb.ac.za/Document-3202.phtml>.



Ela também se recusa a pagar auxílio invalidez e aposentadoria devidos aos trabalhadores em Gaza⁵⁹.59

De acordo com o Programa de Gestão e Democracia da África do Sul, que integra o Projeto do Oriente Médio do Conselho de Pesquisa sobre Direitos Humanos:

“ Os sindicatos palestinos existem mas não são reconhecidos pelo governo israelenses ou pelo Histadrut (a principal central sindical israelense) e não podem efetivamente representar os palestinos trabalhando para patrões israelenses. Embora esses trabalhadores tem que pagar contribuições para o Histadrut, ela não representa seus interesses e preocupações, e os palestinos não tem voz na formulação das políticas da Histadrut. Os sindicatos palestinos também são proibidos de operar nas colônias israelenses nos OPT (territórios palestinos ocupados em 1967) onde palestinos trabalham nas obras e outros setores⁶⁰.

- **Sabotagem sindical ao BDS** - No exterior, não obstante estes fatos vergonhosos, a Histadrut se disfarça de sindicalismo progressista para negar a existência do apartheid israelense e sabotar as iniciativas para liquidá-lo.

Em primeiro de junho de 2007, Ofer Eini, presidente da Histadrut, atacou o sindicato britânico University and College Union (UCU) pela resolução de apoio ao BDS (campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções contra Israel). De acordo com Eini “apesar do fim da ocupação israelense na Faixa de Gaza, os palestinos decidiram continuar o caminho de derramamento de sangue e violência”⁶¹.

Em novembro de 2007, os delegados da Irish Confederation of Trade Unions (Federação sindical irlandesa) informaram que a Histadrut, junto com empresários e governo de Israel falsamente negaram as condições enfrentadas pelos palestinos sob ocupação armada”, e a generalizada “discriminação contra os árabes e palestinos” nas áreas de 1948, e o apoio do PGFTU (Central sindical palestina) ao BDS⁶².

Em fevereiro de 2009, quando estivadores sulafricanos se recusaram a trabalhar com carga israelense devido aos massacres em Gaza, a Histadrut descaradamente declarou: “É inaceitável que os sindicatos intervenham numa questão política, especialmente quando as empresas israelenses que são o alvo do boicote também empregam trabalhadores palestinos⁶³.

⁵⁹ Rami Almeghari, —Gaza laborers injured in Israel left to dry, Electronic Intifada, May 5, 2009, <http://electronicintifada.net/v2/article10507.shtml>.

⁶⁰ Occupation, Colonialism, Apartheid?

⁶¹ Assaf Uni and Haim Bior, —U.K. public services union to consider boycott of Israel, Haaretz, June 1, 2006, <http://www.haaretz.com/hasen/spages/865601.html>.

⁶² “Israel and Palestine ICTU Delegation Visit”, November 2007, http://www.ictu.ie/download/pdf/palestine_final.pdf.

⁶³ Lior Baron, Histadrut seeks int'l help over SA ports boycott, Globes, February 5, 2009, <http://www.globes.co.il/serveen/globes/docview.asp?did=1000423536&fid=942>



Em junho de 2009, ela garantiu o apoio da federação sindical alemã DGB para a “TULIP” cuja finalidade expressa é desviar o crescente apoio sindical internacional ao BDS⁶⁴. No entanto, quando o governo turco posteriormente criticou a guerra de Gaza, a Histadrut retaliou com chamando seus membros a não passar férias na Turquia⁶⁵.

Em agosto de 2009, uma delegação do TUC escocês para a Palestina relatou: “Em momento algum a Histadrut reconhece que a Cisjordânia é ocupada”⁶⁶. Em 2009, como parte de seu endosso ao BDS, o TUC britânico⁶⁷ e escocês⁶⁸ se comprometeram a rever suas relações com a Histadrut.

No final de 2009, o Instituto Reut, um think-tank sionista, instou a Histadrut a intensificar a sua oposição ao crescente apoio sindical internacional para a campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) contra Israel⁶⁹.

Para mais informações, acesse:

International Jewish Anti-Zionist NetworkLabor: www.ijsn.net/C91

Labor for Palestine: www.laborforpalestine.net/wp

⁶⁴ Benjamin Weinthal, — German trade union head backs Histadrut against anti-Israel boycotts, Jerusalem Post, June 14, 2009, <http://www.jpost.com/servlet/Satellite?cid=1244371087763&pageName=JPost%2FJPArticle%2FShowFull>

⁶⁵ Irit Rosenblum, — Israeli Turkish tourism boycott growing: 98% of unions going elsewhere, Haaretz, January 25, 2010, <http://www.haaretz.com/hasen/spages/1144672.html>.

⁶⁶ “STUC General Council Delegation to Palestine and Israel 2009”.

⁶⁷ Scottish Palestine Solidarity Committee, “Scottish TUC commits decisively for Boycott, Divestment & Sanctions”, April 22, 2009, http://www.scottishpsc.org.uk/index.php?option=com_content&view=article&id=2871:scottish-tuc-commits-decisively-for-boycottdivestment-a-sanctions&catid=523:news&Itemid=200466

⁶⁸ “76 Palestine”, <http://www.congressvoices.org/2009/76-palestine/>.

⁶⁹ Amir Mizroch, “Hubs of delegitimization”, Jerusalem Post, Dec. 24, 2009, <http://www.jpost.com/servlet/Satellite?cid=1261364499151&pageName=JPost%2FJPArticle%2FShowFull>